

GESTANTES VIVENDO COM HIV NO BRASIL: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA

Jéssica Karen de Oliveira Maia, Maisa Leitão de Queiroz, Reângela Cíntia Rodrigues Oliveira, Nikaelly Pinheiro Mota, Marli Teresinha Gimeniz Galvão, Marli Teresinha Gimeniz Galvão

Introdução: O risco da transmissão vertical da gestante vivendo com HIV para o filho, ainda gera um problema de saúde global. **Objetivo:** analisar a situação de saúde de gestantes vivendo com HIV no Brasil. **Metodologia:** estudo transversal, retrospectivo com dados secundários captados do painel de indicadores epidemiológicos do Ministério da Saúde, dos meses de janeiro a fevereiro de 2020. As variáveis de interesse foram relacionadas aos quesitos sociodemográficos e clínicos, analisados pelo software R. **Resultados:** Os estados brasileiros que apresentaram maior prevalência de gestantes vivendo com HIV foram: São Paulo (10,4%) e Rio de Janeiro (9,1%). Acerca da escolaridade a maior proporção possuía de 8 a 11 anos de estudo (19,1%), idade entre 30-39 anos (22,1%) e eram da raça negra (43,7%). Quanto aos dados clínicos, carga viral >1000 (65,5%), LTCD4 >350 (61,7%). Do total, 31,8% não fizeram o tratamento precoce. Entre, 68,2% com TARV instituída, 53,6% foi com Raltegravir, Tenofovir e Lamivudina, com atraso >30 dias em 13,4% das gestantes. **Conclusão:** No Brasil, mesmo com política adequada, gratuidade do tratamento e protocolos com recomendações de prevenção da Transmissão Vertical do HIV, ainda há ocorrência da falta do uso de tratamento para impedir a transmissão vertical. Desse modo, urge implementar ações de saúde e quicá jurídicas para identificar a ausência de tratamento de gestantes vivendo com HIV, garantindo-se assim, o direito ao nascimento de uma criança saudável.

Palavras-chave: Transmissão Vertical. HIV. Gravidez. AIDS.